

Brasil

brasil@jb.com.br

Arruda balança, mas não cai da liderança do governo

■ Senador assegurou ao presidente que não participou da violação do painel

HELAYNE BOAVENTURA

BRASÍLIA — O líder do governo no Senado, José Roberto Arruda (PSDB-DF), esteve ameaçado de deixar o cargo, após seu suposto envolvimento com a fraude no painel eletrônico. No final do dia, depois de boatos de renúncia, conseguiu apoio do presidente Fernando Henrique Cardoso e dos líderes partidários no Senado, negando ligação com o caso.

Em clima de inquérito policial, Arruda reconstituiu passo a passo suas atividades em 27 de junho do ano passado, véspera da sessão de cassação de Luiz Estevão, para argumentar que não se encontrou com a ex-diretora do centro de informática do Senado (Prodasen) Regina Célia Borges.

A funcionária, no entanto, repetiu a senadores da oposição ontem que foi Arruda o autor do pedido, feito a ela na noite do dia 27, de violação do painel eletrônico do Senado, comprovado por laudo de técnicos da Unicamp.

Arruda quase foi demitido pela televisão em entrevista do presidente ao jornal "Hoje", da TV Globo. "Não quero prejudicar, mas, se houve ligação, é inaceitável. É ex-líder", disse Fernando Henrique. Arruda foi chamado ao Palácio da Alvorada por volta das

14h e saiu do encontro de cara amarrada. À noite, depois do discurso no plenário, foi convocado novamente ao Alvorada e soube que ficaria no cargo.

As explicações de Arruda foram consideradas "suficientes" pelo presidente Fernando Henrique. "Continuo na liderança, mas este é um cargo que está constantemente à disposição do presidente", avisou o senador. "Cuide de seu assunto, não misture as coisas", teria respondido Fernando Henrique ao questionamento feito por Arruda sobre sua permanência na liderança.

A permanência de Arruda foi confirmada pelo líder do governo no Congresso, Arthur Virgílio (PSDB-AM). Virgílio fez questão de acompanhar Arruda ao plenário em sinal de apoio. Ao final do discurso, o considerou "consistente". "Ele saiu consagrado", avaliou Artur, dando o tom da decisão palaciana.

A avaliação do Planalto, porém, foi a de que o governo poderia sair afetado com a saída do senador da liderança. A decisão poderia ser interpretada como comprovação de culpa e até envolvimento do governo no episódio.

Arruda afirmou que só chegou em casa por volta de 1h da madrugada, já do dia 28 de ju-

nho, depois de reunir-se no início da noite com funcionários da Novacap, companhia urbanizadora de Brasília; participar da posse do ministro do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), Fernando Neves da Silva; e de jantar no restaurante Piantela (frequentado por parlamentares) com o editor-chefe do jornal Correio Braziliense, Ricardo Noblat.

O senador apresentou também declarações das pessoas com quem se encontrou durante o dia e obteve a confirmação dos senadores Pedro Piva (PSDB-SP) e Bernardo Cabral (PFL-AM), que o encontraram no Tribunal Superior Eleitoral (TSE). Arruda mostrou até fotografias suas nos eventos em que esteve presente e leu declaração de seu funcionário, Domingos Lamoglia de Sales Dias, negando que recebeu a lista com os votos dos senadores.

"Trouxe aqui os fatos, as fotos e as declarações insuspeitas na noite do dia 27 para comprovar que não estive em casa com a doutora Regina nem antes nem depois para tratar fazer aquela proposta indecorosa", afirmou Arruda em tom de indignação, chegando a chorar na tribuna ao relatar a véspera da sessão que cassou Estevão. "Não tenho fortuna, mas tenho honra e a esta

honra serei fiel enquanto viver", reclamou em tom choroso.

Na realidade, entre a posse no TSE, encerrada por volta das 20h, e o jantar com Noblat, iniciado às 22h, haveria tempo para o encontro, que teria ocorrido por volta de 20h30, segundo a ex-diretora.

A funcionária do Prodasen reforçou, no entanto, o depoimento prestado à comissão que investiga o assunto. "Pelos meus três filhos, pelo filho que perdi, que foi morto, quero assegurar que o depoimento citado é a inteira verdade", teria dito Regina Borges ao senador Eduardo Suplicy (PT-SP), que conversou ontem por telefone com a servidora. Regina lembrou que um dos sete filhos de Arruda tocava um instrumento de sopro no dia em que visitou o senador em sua casa. "Por favor, senhor Suplicy, não coloque a família no meio", reagiu indignado o tucano.

O senador Antonio Carlos Magalhães (PFL-BA) também repetiu que não solicitou a violação do painel. "Não sei por que o painel foi violado, por quem foi violado nem por que o faria", declarou o pefelista. Arruda disse que vai buscar os culpados. "Se a funcionária fez, ela é culpada sim e vai ter de dizer a serviço de quem fez, se foi de quem está aqui ou de quem não está", disse Arruda.